

Do mau uso dos índices Econ. Brasileiro

O ministro da Fazenda havia conseguido convencer os empresários de que algo mudara na conjuntura econômica e de que se poderia afastar por algum tempo o perigo da hiperinflação. O mercado reagiu positivamente a um maior controle da expansão monetária, tendo o ágio que se registrava no mercado paralelo de câmbio acusado significativa redução. Não obstante, foi suficiente a divulgação do Índice Geral de Preços da Fundação Getúlio Vargas relativo ao mês de julho para que voltassem a predominar os interesses dos especuladores, como se devolvessem aproveitar nova oportunidade para remarcar preços. Ora, tudo mostra que a atoarda que cercou o IGP da FGV não encontra justificação.

É curiosa a predileção do mercado pelo IGP de julho em detrimento dos outros índices, os quais, abrangendo o mesmo período, ofereceram resultado muito inferior. O IGP acusou um crescimento de 37,88%, mas o da Fipe 28,0%, o do Dieese 28,6%, e o INPC do IBGE 27,4%. O que teria ocorrido para que o IGP desse tal salto, enquanto todos os outros acusa-

vam a alta menor? Tudo, aliás, foi explicado claramente no comunicado publicado pela Fundação Getúlio Vargas ao divulgar seu índice.

Não se deve esquecer que o IGP é um índice composto, que nada tem que ver com os outros, que captam preços ao consumidor. De fato, o índice da FGV é composto por preços no atacado com peso maior (6), por preços ao consumidor (peso 3), e por índice de custo da construção civil (peso 1). Os primeiros são fornecidos pelos produtores, que vinham fornecendo os preços de tabela e não os reais: em junho e mais ainda em julho, houve para os preços no atacado uma reação num regime de maior liberdade, a refletir a inflação escondida (ágio) dos meses anteriores. Efetivamente, verificamos que enquanto os preços ao consumidor (na cidade do Rio de Janeiro) cresceram 33,8%, aqueles por atacado acusaram um aumento de 39,44%, que puxou para alta o IGP. Ao mercado pareceu que os aumentos no atacado estavam antecipando — como é normal em tempo de normalidade — uma alta no mês seguinte, no va-

rejo. Esqueceu-se, porém, que não estamos na normalidade, mas numa fase transitória, subsequente a um congelamento. Ninguém levou em conta, também, que nos sete primeiros meses o IPC aumentara mais do que o IGP.

O governo deixar a bem claro que pretendia estabilizar a inflação em torno de 30%, ou seja, um pouco abaixo ou um pouco acima deste valor. Nas três primeiras semanas de levantamento de preços, o IPC apresentou uma média de aumento em São Paulo e Rio de Janeiro de 28,8%, o que permite supor que nos manteremos dentro das previsões.

Parece, entretanto, que em diversos círculos econômicos existe interesse em ampliar a expectativa de inflação para os próximos meses. No que tange aos especuladores, que perderam muito nas últimas semanas no mercado paralelo de câmbio, tal interesse é evidente. Alguns industriais, que não haviam previsto o salto dos preços dos insumos em junho e julho, estão decididos, de um lado, a recuperar as perdas passadas; por outro, em prevenir as futuras. A ofensiva que se estabeleceu con-

tra a equipe econômica do governo consolidou tal expectativa. Há que acrescentar que aqueles que a tramaram para invalidar os esforços do ministro Mailson da Nóbrega não desistiram de suas intenções, as quais, uma vez logradas, nos precipitariam na hiperinflação.

O que os agentes econômicos devem analisar é a evolução da base monetária. Ora, em agosto, o movimento que se iniciou em junho visando a um maior controle está se fortalecendo. Os primeiros resultados já conhecidos permitem pensar que a base monetária crescerá no presente mês abaixo de 15%, e isso apesar de uma forte pressão das operações de câmbio. A austeridade fiscal — inferior à que seria desejável — persiste, enquanto surge em favor de uma mudança de expectativas o plano de emergência apresentado pelo Congresso. Agora, cumpre lembrar que se os especuladores estão agindo a contra-corrente, o governo, que dispõe de apenas uma arma — a política monetária —, poderá ser derrubado em benefício daqueles que trabalham contra o Brasil.